

# O Homem é o lobo do homem

Uma reflexão sobre o filme Mad Max

---

**Vanderleia**

**O** que busco aqui é fazer uma resenha crítica do longa Mad Max, lançado em 2015, avaliando um ponto único, a questão das sociedades patriarcais *versus* as matriarcais. O filme nos possibilita muitas outras perspectivas de análise da questão feminina, tanto em sua informação técnica, de confecção, como na própria história, porém já existem muitos outros textos ótimos. Meu interesse pela questão da sociedade matriarcal foi imediato e não encontrei qualquer resenha tratando sobre isso, portanto cá estou!

O artigo contém informações do enredo do início até o final do filme. Spoiler cara leitora, se não quiser estragar o final assista antes!

\*  
\* \*

Em um mundo apocalíptico de desertos que se alongam por quilômetros sem fim, o pouco da raça humana que sobrevive se organiza em gangues. Uma delas é a de Immortal Joe, detentor de todos os poderes e de todos os bens materiais de seus territórios.

Joe se dedica a construir uma sociedade baseada no sonho de todo eugenista, ele procria com um grupo de mulheres seletas e geneticamente sem doenças. Seus outros dois descendentes – fruto de uma relação com uma mulher que não faz

parte deste grupo especial – possuem deficiências mentais e físicas marcantes, assim como toda a população que o idolatra e seus “meninos de guerra”. Seu exército é constituído por um grupo de meninos muito brancos, todos muito jovens (provavelmente pelo alto índice de doenças e de mortalidade) e com a ideia única de servi-lo e morrer por seu nome.

Esta gangue se organiza sob uma lógica territorialista que visa acumular o máximo de bens materiais possíveis (principalmente água e gasolina) e extremamente belicista – opa, que parecido com nossa economia! – e vive no limite das hierarquias, o máximo para o topo, o mínimo para a base.

Frente a tamanha organização patriarcal surpreende a chegada da chefe militar, Imperatriz Furiosa, uma mulher com um braço mecânico. Ela quem lidera a fuga das “esposas” de Joe em busca do “Vale Verde”, uma terra prometida de água e alimento farto – e livre de homens. Max simples e literalmente cai no caminhão das mulheres, ele atua como um ajudante no plano de fuga e em momento algum ofusca o evidente – e maravilhoso – protagonismo de Furiosa. Eles são perseguidos por todo o exército e até pelo próprio Joe que embarca numa busca desesperada para recuperá-las.

A princípio as “esposas” parecem ser um grupo de mulheres frágeis, in-

fantis e totalmente ignorantes do mundo que as cerca, seu primeiro contato com este mundo externo foi fugindo de Joe. Mas elas são construídas como personagens fortes, que não temem se colocar frente a uma metralhadora para proteger quem as protegia, inteligentes e capazes também de pegar numa espingarda e meter bala em quem as escravizou.

A chegada ao Vale Verde é o ápice do longa. Furiosa reencontra seu antigo clã, um grupo exclusivamente de mulheres e todas – exceto uma – senhoras de idade. O reencontro carrega junto a notícia que o Vale foi extinto, se tornou mais um ponto desértico no cenário, por fim, o mundo não tem refúgio. Frente a perspectiva de percorrer o deserto à frente sem rumo, até onde o tanque de gasolina suportasse, em busca de algum outro lugar que trouxesse esperança Max sugere o caminho inverso, retornar à cidade de Joe, aproveitar que todo seu exército estava mobilizado naquela perseguição, que ela se encontrava desprotegida e tomá-la.

Desta cena em seguinte o filme é só alegria. Um bando de mulheres foda, de 20 a 60 anos em um caminhão gigante e algumas motocicletas enfrentando todo um exército de homens.

E massacrando todos eles.

Elas chegam à cidade com a cabeça de Joe como prova de seu extermínio.

São recebidas com grande alegria por todos e a reserva de água antes monopolizada tem suas comportas abertas.

\*  
\* \*

Durante todo o filme cenas escandalosas de destruição, explosões e mortes se sobrepõem, mas quando atingimos o suposto Vale Verde e encontramos essas personagens, existe pela primeira vez a sensação de acolhimento. Elas naturalmente pertencem àquele grupo, elas são mulheres.

E no breve contato das fugitivas com esta gangue feminina alguns elementos muito relevantes são percebidos:

- elas não tem qualquer tipo de hierarquia evidente, não há uma chefe, ou rainha, ou imperadora, elas lutam pela sobrevivência ombro a ombro, se ajudando mutuamente;

- não é porque é um grupo unicamente de mulheres que elas abominam a violência e a guerra, muito pelo contrário, todas andam armadas e muito bem equipadas em suas motos;

- as idosas (a grande maioria do grupo) não são inválidas, elas possuem uma enorme habilidade de manusear suas armas – tanto é que aterrorizam com a gangue do Joe;

- elas carregam sementes dos alimentos que um dia cresciam naquelas

terras desérticas, o que me fez refletir sobre a questão da relação com a natureza – trataremos disso mais a frente.

\*  
\* \*

Pretendo agora me aprofundar um pouco nestes itens levantados, considerando algumas teorias históricas sobre as sociedades matriarcais do passado comparativamente com nossa atual organização patriarcal. Compreendo que existam sociedades contemporâneas matriarcais, mas por uma questão de tempo para realizar o presente artigo e minha falta de conhecimento acerca destas tratarei *apenas* das sociedades de um tempo passado.

A ausência de uma liderança me espantou muitíssimo. Pelo meu pouco conhecimento de ficções apocalípticas vejo que a maioria das produções retrata que a humanidade, na ausência do Estado, passa a se organizar em gangues, com figuras extremamente autoritárias e violentas no comando, beirando a insanidade. O homem de fato vira o lobo do homem. Aquela babauice pra reforçar que a humanidade não consegue se auto organizar, que é necessário colocar o poder na mãos de poucos pra evitar a barbárie - então tá.

Só que não é apenas um grupo sem autoridades, é um grupo exclusivamente de mulheres!!! Mas calma lá,



não estou querendo dizer que necessariamente todas sociedades matriarcais são horizontais, enquanto todas patriarcais são hierárquicas, exceções sempre existirão, apenas digo que existe uma grande *tendência* disso ocorrer. Evelyn Reed em seu livro *Feminisme et Anthropologie* defende que antes da Revolução Neolítica (movimento no qual o *homo sapiens* passa do nomadismo para a sedentarização, alterando assim suas relações sociais e sua relação com o meio ambiente, deixando de ser apenas coletor e passando a plantar alimentos) o *homo sapiens* vivia organizado sob o matriarcado, ou seja, a liderança estava nas mãos das mulheres, porém – e aqui que está a grande chave –, as mulheres ocupando este cargo não utilizavam de seu poder latente para estabelecer dominância entre si e entre os homens. Os grupos humanos se organizavam de

forma muito mais igualitária.

Igualitária não apenas entre a humanidade, mas com a vida em geral. No livro *Política Sexual da Carne* de Carol J. Adams entendemos um pouco da relação do consumo de carne com a ideia de virilidade masculina e a subjugação da mulher. Ela estuda a relação numa perspectiva social, em que a carne – alimento mais nutritivo – historicamente foi considerada como comida dos homens, fortes, viris e que sustentavam a casa, enquanto frutas e legumes, considerados como alimentos de segunda categoria, eram direcionados aos cidadãos de segunda categoria: as mulheres.

Adams mostra a força do movimento vegetariano entre as mulheres principalmente nos Estados Unidos nos anos 1910. O que moveu aquelas mulheres foi sua consciência de vida

que ultrapassava os limites da raça humana, elas viam no sofrimento dos animais o sofrimento de um ser vivo consciente e sensitivo e repudiavam o sua dor, assim como repudiavam as dores da guerra. Em seu discurso é visível a relação entre pacifismo e vegetarianismo, para elas a igualdade só existiria de fato na sociedade enquanto não houvesse qualquer tipo de hierarquia.

Voltando ao filme, na cena que uma das senhoras se mostra quase que como uma guardiã das sementes eu vi não apenas como as sementes do alimento, mas do novo mundo a ser construído pelas suas mãos. As sementes de um mundo mais sadio e mais respeitoso com a natureza. Em contraposição a brutalidade e imbecilidade do patriarcado/capitalismo que se utiliza dos bens vitais sem qualquer planejamento ou proteção para que não acabem, muito pelo contrário, abusa da natureza e dos animais até o fim.

*Quem matou o mundo?* É a questão que surge ao longo do filme.

Quem matou o mundo? O capitalismo mata o mundo a cada segundo. Esgota de nossas fontes para sobrevivência, investe em uma tecnologia de poluição que mata rios, destrói o ar,

queima e derruba florestas, envenena nossos alimentos, torna a terra infértil. Escraviza nossa própria espécie, tortura, caça, escraviza, extingue espécies de animais. São degraus e mais degraus de uma hierarquia em que a riqueza de 1% da população quase que ultrapassa todo o 99%.

O matriarcado aparece em *Mad Max* como uma oposição a isso tudo, não na figura de mulheres autoritárias prontas a assumir a posição de Joe, e sim de mulheres cuja primeira atitude ao chegar na cidade foi abrir as comportas de água definitivamente, para que todos tivessem direito àquele bem. Mulheres que carregam em si as sementes de uma sociedade mais justa entre a humanidade e com a natureza.

### **Recomendações de leitura**

<http://blogueirasfeministas.com/2015/05/imperatriz-furiosa-e-as-mulheres-feministas-em-mad-max-estrada-da-furia/>

<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/05/mad-max-estrada-da-furia-feminista/>